

No Líbano, uma pandemia de fome

Há duas semanas, parecia que toda conversa no Líbano era sobre manter a segurança contra o vírus. As ruas movimentadas de Beirute eram tranquilas; todos usavam máscaras e luvas e olhavam para qualquer um que tossia em público. O cheiro do higienizador de mãos enchia os elevadores.

De volta das minhas compras, eu desinfectei tudo que comprei e coloquei minhas sacolas plásticas na varanda por uma semana antes de reutilizá-las. Semana passada voltei da loja e quase esqueci de lavar as mãos quando tirei a conta da mercearia e apontei os preços exorbitantes para o meu marido. Nós riscamos coisas que não podíamos mais pagar regularmente, como queijo.

Somos sortudos. Em setembro, cerca de um terço da população do Líbano estava vivendo abaixo da linha de pobreza. Hoje, ela está mais próxima da metade da população. O Líbano está em bloqueio para deter o surto de coronavírus desde meados de março, quando o governo fechou as fronteiras e os negócios “não essenciais”.

O governo libanês tem sido elogiado por sua rápida resposta à pandemia, mas a crise também foi um presente para os políticos.

Os libaneses protestavam contra suas elites políticas desde outubro e se recusavam a sair dos locais de protesto. Iniciada por uma proposta de imposto sobre as chamadas telefônicas de WhatsApp anunciada em 17 de outubro, uma das muitas medidas de austeridade propostas para compensar os espantosos 86 bilhões de dólares da dívida libanesa, os protestos visaram o governo durante décadas de corrupção, divisão sectária do poder e quebras do sistema bancário.

Os bancos libaneses emprestaram dinheiro dos depositantes ao

governo e não têm mais a liquidez do dólar para corresponder aos números das contas bancárias das pessoas. Até novembro, os bancos colocaram limites rígidos para os saques, alguns permitindo apenas US\$ 100 por mês. Esses limites de retirada funcionaram como controles não-oficiais de capital.

A lira libanesa, que há muito tempo havia sido trocada a 1.507 liras pelo dólar através de um feito de “engenharia financeira” do governador do Banco Central, Riad Salameh, começou a perder valor.

Os manifestantes, embora em declínio em número, continuaram a se manifestar em todo o país, em marchas semanais, em assembleias fora das agências bancárias, fora das casas dos políticos e ministérios do governo.

Quando o país fechou em 23 de março, 60 casos de coronavírus foram relatados. As previsões previam pelo menos 400 mortes até o final de junho, com extrema perturbação social. Os manifestantes saíram das ruas e voltaram para casa. O governo rapidamente aproveitou a oportunidade para desmontar as barracas dos manifestantes.

Os bancos optaram por abrir por agendamento para os empresários e negaram o acesso aos pequenos depositantes, que não podiam retirar nem mesmo suas insignificantes quantias em dólares. A ausência do dólar no mercado, combinada com o lançamento de uma série de circulares pelo Banco Central, cada uma decretando taxas de câmbio diferentes, contribuiu para a extrema instabilidade da lira e para uma demanda frenética por dólares.

Após o fechamento, a lira entrou em queda livre. Muitos perderam sua renda por causa do fechamento, outros por causa da desvalorização. Os preços subiram quase de dia para dia. O governo prometeu 400 mil liras em ajuda às famílias carentes, mas lutou para distribuir a ajuda por tanto tempo que, quando houve um assentamento, ela já havia se desvalorizado para

menos de 100 dólares.

Em 25 de abril, a lira atingiu um mínimo histórico: cerca de 4.000 a 4.200 libras ao dólar, uma desvalorização de mais de 60%. A raiva que se acumulou explodiu mais uma vez nas ruas, com as maiores mobilizações em Trípoli, a cidade mais pobre do Líbano.

Protestos em várias cidades, incluindo Trípoli e Beirute, quebraram o toque de recolher noturno, bloquearam estradas e incendiaram bancos para permitir que grandes depositantes retirassem bilhões do país enquanto os mais pobres não podem mais pagar lentilhas.

A nova onda de protestos tem uma ponta de desespero que não estava lá antes. O exército respondeu com violência chocante, usando gás lacrimogêneo, balas de borracha e munições vivas para esmagar os manifestantes.

Na noite de 27 de abril, o exército matou Fawaz al-Samman, um homem de 26 anos, e feriu dezenas de pessoas durante os protestos em Trípoli. O Sr. al-Samman, um mecânico de motocicletas, vinha lutando para sustentar sua esposa e filha depois que sua renda foi afetada pela crise.

No dia seguinte, numa tentativa de acalmar a raiva do povo, o exército lançou um vídeo mostrando soldados distribuindo ajuda ao povo, intercalando cenas de manifestantes zangados e terminando com o slogan: "É assim que você retribui um favor? O vídeo causou grande indignação e foi retirado horas depois.

Os manifestantes que foram presos falaram sobre serem torturados sob custódia, brutalmente espancados e eletrocutados por unidades de inteligência do exército. Contra esses horrores e o desespero diário de não poder pagar as coisas mais simples, a ameaça do vírus, apesar de 741 casos e 25 mortes no Líbano até agora, desapareceu no abstrato.

Para se preocupar em ser atingido por uma doença, você deve

ter a sensação de um futuro que pode ser roubado de você. E o futuro no Líbano parece incrivelmente sombrio.

Após o habitual conflito interno, na semana passada o governo anunciou seu “plano de resgate” econômico, que consiste em pedir um empréstimo ao Fundo Monetário Internacional. Se o FMI aprovar o pedido, teremos que lidar com medidas de austeridade que só vão aumentar a pobreza. Mas isso se o notoriamente corrupto Estado libanês puder até mesmo atender às reformas mínimas exigidas pelo FMI.

O fechamento está previsto para 24 de maio, e os restaurantes e bares reabrirão gradualmente. Quantos libaneses podem se dar ao luxo de ir?

Hanan Bazzi, minha sogra, que recentemente se aposentou após trabalhar por décadas como contadora, perdeu a maior parte de sua aposentadoria devido à crise financeira. “Pelo menos o coronavírus nos treinou para cozinhar com o que você tem”, disse ela. “Como ficar em casa e economizar dinheiro em passeios”. Mesmo depois que o vírus se for, ainda teremos que viver as vidas menores que ele nos ensinou a viver”.

Via New York Times